

---

## Herói, vilão ou anti-herói: análise das representações do jornalista na ficção<sup>1</sup>

Marina ANDRADE<sup>2</sup>

Riverson RIOS<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### RESUMO

Investigando crimes ou procurando escândalos, a figura do jornalista encontra-se em diversas narrativas modernas. O presente trabalho objetiva discutir as representações desse profissional na ficção, encaixando-o nos arquétipos de herói, anti-herói e vilão. Utilizou-se como metodologia uma pesquisa de opinião listando jornalistas-personagens famosas das HQs e do cinema e captando como as pessoas as classificam. Após a observação dos resultados, foram analisadas mais profundamente as personagens apontadas como mais conhecidas: Super-Homem, classificado como herói, Rita Skeeter, como vilã, e Miranda Priestly, como anti-heroína. Observa-se que a ficção privilegia a representação de um jornalismo investigativo que serve à população e condena a prática sensacionalista, desonesta e inescrupulosa.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalista-personagem; arquétipos; ficção; representação

### Introdução

Descrita pelo escritor e semiólogo italiano, Umberto Eco (1994), como um mundo organizado e intencional, a ficção oferece o satisfatório sentimento de fuga da realidade caótica e misteriosa. Mas, de forma paradoxal, é nesse mundo do qual se pretende escapar que a ficção encontra os elementos que a compõe. Assumindo a posição de contador as histórias reais, a figura do profissional jornalista é constantemente encontrada no cinema, na televisão, na literatura e nas histórias em quadrinhos.

Tais recorrentes representações foram fundamentais auxiliares na criação de um imaginário popular a respeito da profissão do jornalista, resultando no surgimento de estereótipos sobre a carreira (TARAPANOFF, 2014). Entender o que representam esses estereótipos é relevante, pois eles “interferem na compreensão do papel do jornalista e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFC e-mail: marinalbuquerque.da@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho e professor do Curso de Comunicação Social da UFC, e-mail: riverson@ufc.br

do sentido da sua atividade” (SANTOS, 2009, p. 180), inclusive no que diz respeito à criação de mitos que são aceitos pela sociedade como um retrato da realidade.

Tema de obras científicas como *O último jornalista: imagens de cinema*, da pesquisadora brasileira Stella Senra (1997), e *Jornalismo no Cinema*, da jornalista e professora brasileira Christa Berger (2002), o estudo do jornalista como personagem aponta uma série de padrões existentes nessas representações, que serão tratados ao longo do referencial teórico.

O interesse da presente pesquisa é analisar a representação da profissão no plano fictício, excluindo histórias baseadas em fatos reais. Assim, almeja-se analisar como as pessoas que consomem narrativas fictícias classificam as jornalistas-personagens de histórias que elas conhecem dentro dos arquétipos de herói, anti-herói e vilão.

Para dialogar com a análise, reuniu-se uma bibliografia organizada em duas temáticas: a jornalista-personagem e os arquétipos.

## **1. A jornalista-personagem na ficção**

Sendo um profissional cuja rotina exige certa exposição, o jornalista usufrui de uma posição de destaque nas narrativas modernas e urbanas no que diz respeito à criação de uma imagem (SENRA, 1997). Segundo Berger (2002), a profissão pode ser facilmente adaptada à função de personagem de uma história, pois “o jornalista, na sua rotina de trabalho, localiza problemas, investiga suas causas, descobre fatos e apresenta soluções na forma de enunciados” (2002, p. 15).

Além dessa semelhança de funções, a afinidade entre a narrativa cinematográfica tradicional e a narrativa jornalística também contribui para sua presença no mundo fictício. Como explica Senra:

Ao seguir um jornalista em ação o filme acaba endossando o padrão narrativo convencional, desde que o próprio método de trabalho do profissional de imprensa já implica, por si só, o encadeamento e o realce de ações que se agenciam segundo a tendência dominante na narrativa cinematográfica. Afinal, o jornalista tem que se averiguar o fato de modo a descobrir o seu autor, a sua causa, e o seu objetivo, revelando “a verdade” no final, procedimento que o obriga, muito ao gosto do cinema, a iluminar os picos da ação, destacar os dados mais importantes, e a deixar na sombra os elementos secundários. (1997, p. 41)

---

Ao se tornar personagem, o jornalista confere uma atmosfera de veracidade para aquela história (SENRA, 1997), já que o profissional possui responsabilidade para com a manutenção da transparência nos diversos setores da sociedade.

Tendo a sua vocação jornalística como norte de sua existência, a jornalista-personagem vive em prol do seu trabalho com a produção da notícia (SENRA, 1997). Sem família, gostos, passatempos ou interesses pessoais desligados do trabalho, ele também raramente sofre alguma evolução drástica ao longo da narrativa.

Com a justificativa de viver no meio urbano caótico que necessita que a informação chegue de forma ágil e rápida, a jornalista-personagem está associada ao desleixo pessoal e à solidão (BERGER, 2002). A profissão é representada de tal forma que não aparenta permitir que a personagem se desligue de suas atividades e tenha tempo para manter relações pessoais saudáveis (SANTOS, 2009).

As formas de exercer a profissão são amplas, então suas representações também o são. O personagem principal do filme *A Montanha dos Sete Abutres* (1951), Chuck Tatum, é um repórter inescrupuloso que coloca a vida de um homem em perigo, causando a sua morte, apenas para ganhar visibilidade com a reportagem sobre o caso. Já o jornalista Mikael Blomkvist, protagonista do filme *Os Homens que não Amavam as Mulheres* (2011), é um homem honrado que investiga e desvenda um antigo caso de violência sexual e assassinato, salvando a vida de várias mulheres.

## **2. Jornalista-herói ou vilão**

Os estereótipos que envolvem a representação do jornalista na ficção desmembram-se em dois grupos: o que exerce com nobreza a profissão em nome do bem social e o que a exerce de forma marginalizada (SANSEVERINO, 2015). A identidade do profissional é tratada de forma ambígua, e por isso não pode ser encaixada em somente uma categoria (SENRA, 1997).

Aparecendo como um *bon vivant*, sedutor, boêmio e ambicioso, o jornalista-personagem que mais ocupa espaço na literatura é tratada pela jornalista e pesquisadora brasileira, Isabel Travancas (2003) como um profissional preocupado em defender os interesses particulares ou de sua instituição acima de seu dever para com a esfera pública. A ambição é principal desencadeadora das ações realizadas pela personagem,

---

tornando-a capaz de qualquer coisa para conseguir o domínio da exclusividade do fato. E assim cria-se o estereótipo do “jornalista vilão” (SANTOS, 2009).

Profanador do espaço sagrado da intimidade (SENRA, 1997), o jornalista vilão não mede escrúpulos para alcançar seus objetivos infames. “Sem caráter e trafegando pelos submundos do crime, ele não hesita em colocar sua carreira na frente de tudo e todos” (TRAVANCAS, 2001, p. 2).

Em oposição, a jornalista-personagem como figura romântica e heroica ocupa espaço desde os anos 40 com os filmes *noir* (NOGUEIRA, 2003). Senra (1997) o descreve como um idealista, dedicado ao trabalho e preocupado com a coletividade, que não se deixa desanimar pela pouca compensação econômica que recebe.

Consolidando premissas iluministas, o “jornalista herói” é o protetor da verdade, defensor da população e responsável pela vigilância dos demais poderes que regem a sociedade (NOGUEIRA, 2003). E para exercer seu papel de defensora, a jornalista-personagem veste uma capa de detetive e vai para as ruas em busca da verdade e da justiça. Ela está sempre investigando, aventurando-se, correndo riscos e perseguindo criminosos para cumprir a seu dever (BERGER, 2002).

Nos filmes os jornalistas sempre são pessoas inteligentes, perspicazes, que chegam às conclusões rapidamente, com a facilidade de um Sherlock Holmes. Isso encanta a plateia, que se identifica e se coloca na posição do personagem, procurando também desvendar a história. E no final, tudo acaba bem, com o jornalista conseguindo publicar sua reportagem e tendo sucesso na carreira. (TARAPANOFF, 2014, p. 53)

Segundo Travancas (2001), o envolvimento do jornalista com a sua atividade profissional, característica da profissão consolidada no imaginário popular, é o que fundamenta a construção desse profissional como um herói na ficção. Agindo de forma honrosa ou não, ele está sempre sacrificando sua vida e seu bem estar social para cumprir a missão que lhe foi passada.

### **3. Arquétipos de personagens**

Uma importante ferramenta para definir a função de uma personagem em uma história é entender em qual ou quais arquétipos ela se encaixa (VOGLER, 2015). Integrando parte da linguagem universal da narrativa, o conceito de arquétipo foi apresentado pelo psiquiatra suíço Carl G. Jung.

---

O autor descreve (2002, p. 16) os arquétipos como “imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos”, que são conteúdos do inconsciente coletivo. Foram eles que inspiraram as imagens básicas dos rituais da mitologia (CAMPBELL, 2007).

Assumindo imagens constantes em narrativas de vários tempos e culturas diferentes, os arquétipos designam padrões de personalidade presentes em toda a humanidade (VOGLER, 2015). Alguns exemplos desses arquétipos são: o herói, o mentor, a sombra, o camaleão, o inocente, o órfão, o nômade, o guerreiro, entre outros.

Os arquétipos, como aponta Jung (2002), não são fixos nem determinados pela sua forma, e sim pelo seu conteúdo. O roteirista e escritor Christopher Vogler explica que as personagens não assumem, necessariamente, um só arquétipo. Elas podem transitar harmoniosamente entre eles.

Responsável por sustentar a narrativa, o herói pode ser encontrado “no Mito, na História, na Literatura, na Antropologia, na Psicologia, nas histórias em quadrinho e até no rock” (FEIJÓ, 1984, p. 10). Sua principal característica é a busca por uma identidade e a jornada para se tornar um “ser humano completo”.

O “herói bandido” ou “anti-herói” representam variação do arquétipo. O historiador e professor de comunicação Martin César Feijó (1984) explica que essa figura é popular, pois foge à classe dominante, representado através de personagens como Robin Hood e Lampião.

Existem dois tipos de anti-herói: 1) o personagem que se comportam como os Heróis convencionais, mas que têm um forte toque de ceticismo ou uma qualidade tortuosa. 2) Heróis trágicos, figuras centrais de uma história que podem não ser agradáveis ou admiráveis e cujas ações possamos até achar hediondas (VOGLER, 2015, p. 74).

Em oposição ao arquétipo do herói está o da Sombra, que representa o lado obscuro do contexto do protagonista. Os vilões ou antagonistas são a face negativa do arquétipo (VOGLER, 2015). Essa personagem tem como função representar o desafio que o herói precisa ultrapassar para transcender.

Mas não obrigatoriamente a Sombra é totalmente maligna. Ela pode possuir virtudes e ter boas atitudes em determinado momento da narrativa, o que lhe acrescenta complexidade e pode, inclusive, despertar a simpatia do público. Alguns vilões têm motivações tão convincentes que nem enxergam a si mesmos dessa forma.

#### 4. Metodologia

Para discutir as representações do jornalista na ficção, a metodologia utilizada foi uma pesquisa de opinião realizada através de um formulário criado no dia 05 de maio de 2019 e compartilhado nas redes sociais da Internet, como o site *Facebook*, o aplicativo *Instagram* e o aplicativo de troca de mensagens *Whatsapp*. O formulário ficou aberto por duas semanas, tendo sido obtidas 157 respostas voluntárias.

No formulário, foi apresentada a seguinte pergunta inicial “*Como você classifica esses jornalistas da ficção*”. Em seguida, inicia-se uma lista com dez perguntas de múltipla escolha contendo, cada uma, o nome de um personagem diferente<sup>4</sup>. As opções para cada questão são: “herói”, “vilão”, “anti-herói” ou “Não conheço”. Após o fechamento do formulário, foi realizado um recorte que excluiu as personagens que obtiveram um índice igual ou maior do que 50% na opção “Não conheço”.

Para selecionar as dez personagens que comporiam o formulário, realizou-se uma pesquisa prévia nos sites da internet *Guia do Estudante* e *Estrelando*, que listavam as personagens-jornalistas mais famosas. Como o objetivo do trabalho é entender o jornalista como personagem na ficção, foram excluídas da pesquisa algumas personagens de histórias aclamadas cujo tema principal é o jornalismo, como filmes os vencedores de Oscar *Spotlight* (2015) e *Todos os Homens do Presidente* (1976).

Após o recorte, foram selecionadas para análise dos resultados as seguintes personagens: Clark Kent ou Super-Homem, o super-herói das histórias em quadrinho da empresa DC Comics; Rita Skeeter, personagem da sequência de livros e filmes *Harry Potter*; e Miranda Priestly, do filme *O Diabo Veste Prada* (2006).

A análise dos resultados obtidos no formulário por cada personagem será dividida da seguinte forma: Primeiro, serão apresentados os resultados quantitativos relativos a cada uma. Depois, será realizada uma discussão acerca dos resultados em comparação com as afirmações dos autores que anteriormente trabalharam a ambiguidade “herói ou vilão” do jornalista da ficção. Em acréscimo às pesquisas anteriores, será posta em pauta a figura do anti-herói.

---

<sup>4</sup> Super-Homem, das histórias em quadrinho da DC Comics; Mikael Blomkvist, da trilogia de livros *Millenium* e do filme *Os Homens que Não Amavam as Mulheres*; Rita Skeeter da saga de livros *Harry Potter*; Julia Shumway do seriado *Under The Dome*; Ford Prefect, da saga de livros *O Guia do Mochileiro das Galáxias*; Miranda Priestly, do filme *O Diabo Veste Prada*; Tintim das histórias em quadrinho *As Aventuras de Tintim*; Sondra Pransky, do filme *Scoop: O Grande Furo*; Camille Preaker, do livro e seriado televisivo *Objetos Cortante*; e Charles Forster Kane, do filme *Cidadão Kane*.

## 5.1 Super-Homem

A primeira aparição de Clark Kent, mais conhecido como Super-Homem (Fig. 1), nas histórias em quadrinhos foi em 1938, na revista *Action Comics #1*, publicada pela DC Comics, empresa norte-americana responsável pela criação de outros personagens icônicos como a Mulher-Maravilha e o Batman. Alienígena enviado para a Terra quando ainda era um bebê, ele detém um arsenal vasto de poderes, que incluem a habilidade de voar, super-força e indestrutibilidade.

Para não atrair atenção negativa para as pessoas que convivem com ele, o Super-Homem cria uma identidade secreta. Quando não está combatendo inimigos sobrenaturais, ele trabalha como repórter no jornal *Planeta Diário*. Tendo como foco o jornalismo investigativo, ele abraçou a profissão com o objetivo de manter-se sempre informado, o que auxilia o seu trabalho de salvar o mundo.

Exercendo a profissão, o personagem aparece constantemente nas editoriais policiais, investigando crimes, adentrando lugares perigosos e procurando possíveis furos. Como Super-Homem, seu principal objetivo é proteger a população de forças destrutivas.

**Figura 1.** Super-Homem vestido de Clark Kent, sua identidade secreta.

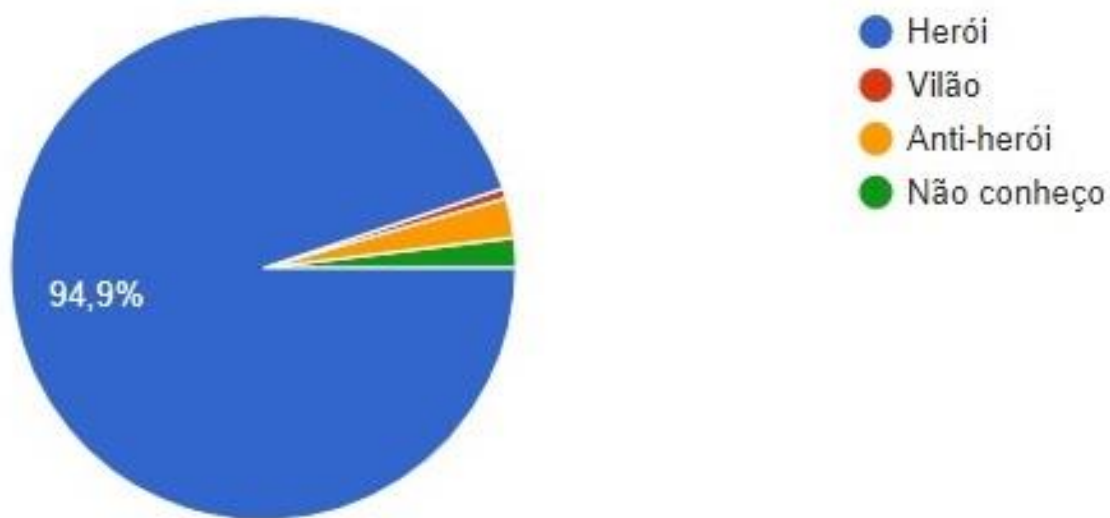


(Fonte: Super Abril)



Dentre os dez personagens presentes no formulário, o Super-Homem foi o que obteve menos respostas “Não conheço”, que representaram apenas 3% das 157 respostas, podendo, então, ser considerado o mais conhecido. Quanto à sua classificação, 94,9% das pessoas marcaram “Herói”, 2,5% marcaram “Anti-herói” e 0,6% marcaram “Vilão”.

**Figura 2.** Resultados obtidos pelo Super-Homem



(Fonte: Formulário “Jornalista-personagem na ficção”)

Peça essencial da maior parte das narrativas em que aparece, o Super-Homem encontra-se quase sempre em uma posição de protagonismo e aqueles a quem ele se opõe são representados como “forças malignas”. Ao arriscar frequentemente a vida em prol de proteger pessoas de um planeta que nem mesmo é o seu de inimigos muito poderosos, ele não só assume com maestria a posição de herói, mas se super-herói.

Ao analisar o Super-Homem, Senra (1997) aponta semelhanças entre as práticas do personagem e as práticas jornalísticas, como a sua luta pela defesa do bem e da justiça e a sua forte ligação com a comunidade.

Mesmo quando está disfarçado de Clark Kent, ele exerce a profissão de forma inclinada ao jornalismo investigativo, que, como já foi apontado anteriormente na revisão bibliográfica, é representado na ficção como uma atividade heroica. A coragem necessária para envolver-se em situações perigosas em prol de descobrir a verdade sobre os fatos é um traço do personagem que enfatiza presença desse arquétipo na sua construção.



## 5.2 Rita Skeeter

Personagem coadjuvante da saga de livros *Harry Potter* escrita por J. K. Rowling e depois adaptada para uma série de oito filmes, Rita Skeeter (Fig. 3) é uma bruxa, como a maior parte dos personagens, e é repórter do jornal fictício “Profeta Diário”. Sua primeira aparição é no livro *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (2000).

Durante seu trabalho na cobertura de um importante evento, ela entrevista o protagonista Harry Potter com o objetivo de conseguir alguma declaração bombástica e polêmica, que renda muita visibilidade para o jornal. Nas matérias escritas por ela, é recorrente que haja distorção dos fatos para transformá-los em escândalo.

É revelado na história que ela tem o poder ilegal de transformar-se em uma mosca para espionar os demais bruxos e descobrir seus segredos. Apesar de seu aparente desvio de caráter, ela não mantém nenhum tipo de relação com o grande antagonista da história, o bruxo das trevas Lorde Voldemort.

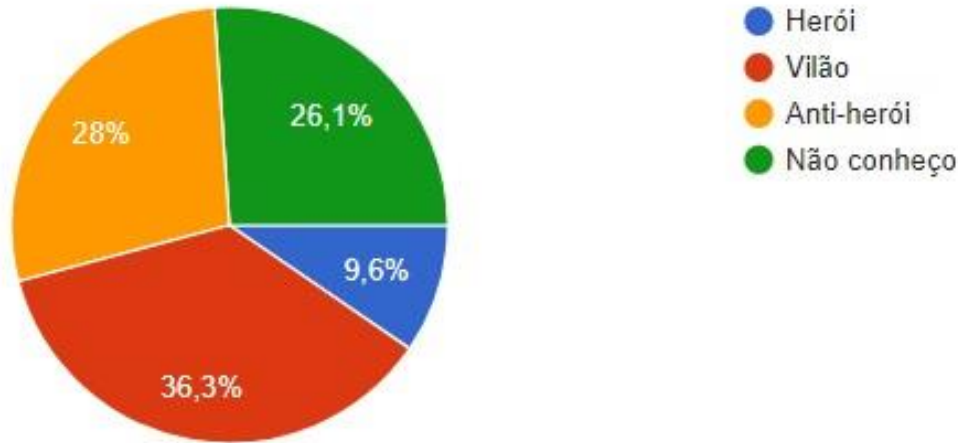
**Figura 3.** Rita Skeeter, personagem da saga *Harry Potter*, interpretada por Miranda Richardson.



(Fonte: Amino Apps)

Entre as 157 respostas do formulário, 36,3% apontaram Rita Skeeter como “Vilã”, 28% como “Anti-heroína”, 9,6% como “Heroína” e 26,1% das pessoas marcaram “Não conheço”.

**Figura 4.** Resultados obtidos por Rita Skeeter



Conforme mostrado anteriormente no referencial teórico, construiu-se o perfil do jornalista “vilão” como aquele que pratica o jornalismo sensacionalista e antiético. A caracterização de Rita Skeeter e os atos praticados por ela durante a narrativa concordam com tal descrição, explicando a porcentagem de respostas que a classificam como “Vilã”. Em seu trabalho sobre o jornalismo na ficção de *Harry Potter*, Sanseverino faz a seguinte afirmação sobre a personagem:

Ela seria a encarnação do estereótipo do jornalista vilão identificado por Travancas (2003): sem escrúpulos ou qualquer comprometimento com a verdade, manipula os fatos para favorecer sua história, está sempre em busca do mítico furo, valoriza o status que o jornalismo lhe garante na sociedade e trabalha para uma empresa que se importa apenas com seus interesses (lucro e audiência). (2015, p. 12)

O arquétipo “Anti-heroína” foi outro destaque entre as respostas, com 36,3% dos resultados. Uma possível explicação para isso é a distância que Rita mantém dos antagonistas mais expressivos da história, o vilão Lorde Voldemort e seus seguidores. Para conseguir uma resposta mais concreta, seria necessário ter um espaço no formulário para as pessoas explicarem seu voto.

### 5.3 Miranda Priestly

No filme *O Diabo Veste Prada*, baseado no best-seller americano de mesmo título escrito pela escritora Lauren Weisberger, a atriz norte-americana Meryl Streep

(Fig. 5) interpreta a personagem Miranda Priestly, editora-chefe da revista fictícia de moda *Runway*.

Sendo o próprio “Diabo” do título, Miranda é o terror dos funcionários da redação da revista. Muito rígida e dedicada ao seu trabalho e à revista, ela exige dedicação total da protagonista do filme Andrea Sachs, que trabalha como sua secretária e passa por muitas situações sufocantes por causa da chefe. Por ter passado por diversos casamentos que resultaram em divórcios, Miranda adquiriu o apelido secreto de “Dama de Ferro”.

Uma face mais sensível da personagem é mostrada quando Andrea presencia uma briga entre a chefe e o atual marido e a vê chorando. No final, a protagonista pede demissão após presenciar uma sabotagem que ela pratica contra uma rival e ao tentar emprego em um jornal, descobre que Miranda escreveu uma carta de recomendação afirmando que os donos do jornal seriam “idiotas” se não a contratassem.

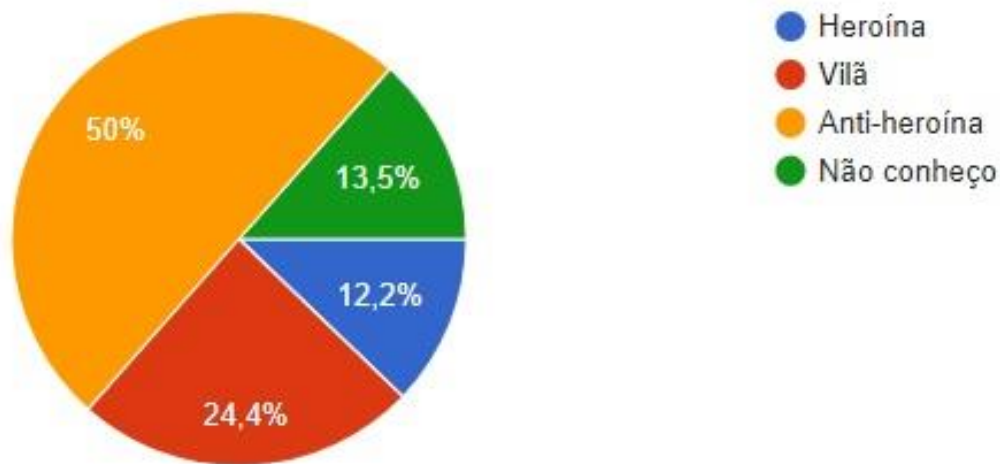
**Figura 5.** Personagem Miranda Priestly, de *O Diabo Veste Prada*



(Fonte: Cine Set)

Durante a pré-pesquisa, o nome dela esteve mais presente nas citações em sites do que o nome da própria protagonista do filme. Quanto aos resultados referentes a Miranda no formulário, a opção “Anti-heroína” foi a mais marcada, correspondendo a 50% das respostas. 24% apontaram-na como a “Vilã”, 12,2% como “Heroína” e 13,5% não a conhece.

**Figura 6.** Resultados obtidos por Miranda



A figura do editor aparece em *O Diabo Veste Prada* em uma posição de autoridade e de extrema exigência. Miranda não aparenta ter nenhuma compaixão pelos problemas de seus funcionários ao cobrar que eles façam algum trabalho para ela a qualquer hora do dia. Diferente dos outros personagens, ela lida com o mundo da moda e não com o cotidiano, então suas rotinas e relações de trabalho são diferentes.

O mundo da moda no filme é representado como um ambiente hostil e muito volátil, em que uma pessoa precisa lutar e ser muito inteligente para manter-se em uma posição de poder por muito tempo. Extremamente dedicada à sua carreira, Miranda precisa abrir mão de muitos aspectos de sua vida social para manter-se como editora-chefe da revista, o que explica a quantidade de divórcios.

Nas respostas ao formulário, é possível observar uma divisão das pessoas ao classificar Miranda, que embora tenha sido classificada como anti-heroína pela maioria das pessoas, também obteve uma quantidade considerável de respostas apontando-a como a vilã e alguns como heroína. Demonstra-se que divide opiniões por ser uma personagem ambígua e com diversas camadas.

A forma como a narrativa aborda suas fraquezas, justifica o seu comportamento e lhe dá um momento de redenção no final ao ajudar a protagonista são explicações possíveis para a associação com o arquétipo de anti-heroína, mesmo ela representando um antagonismo ao longo do filme.

---

## Considerações finais

Como um espelho da sociedade, a ficção utiliza-se de conceitos já existentes para desenvolver narrativas. A personagem-jornalista, assim como o jornalista da realidade, apura, escreve, se depara com conflitos éticos e editoriais e se relaciona com a sociedade.

Na revisão bibliográfica, apontam-se padrões na construção dessa personagem, como os sacrifícios realizados para um bom exercício da profissão. E mesmo que essas características representem somente um estereótipo de jornalista, elas são a interpretação que o autor da obra faz daquilo que já conhece e tem uma opinião sobre.

Para além desses padrões, observa-se uma separação entre o jornalismo investigativo que busca fazer justiça pela sociedade e o jornalismo sensacionalista que só quer vender a notícia a todo custo. O “bem” e o “mal” aparecem aqui mostrando que a sociedade não encaixa o jornalismo num só estereótipo, acredita-se que existem múltiplas formas de exercer a profissão. Algumas são consideradas nobres e outras marginais.

Encontraram-se exemplos dessa ambiguidade durante a análise das personagens. Super-Homem representa o jornalismo heroico que segue uma linha investigativa. Rita Skeeter, da saga *Harry Potter*, simboliza o jornalismo antagonista, que distorce os fatos e não se importa com a verdade, movido pelo lucro gerado pelo escândalo.

Sem entrar diretamente nessa ambiguidade, a personagem Miranda Priestly, de *O Diabo Veste Prada* demonstra mais profundidade. Apontada pela pesquisa quantitativa como “anti-heroína” da história, ela é muito dedicada ao seu trabalho e dá importância para um conteúdo de qualidade na revista, mesmo que isso custe a sanidade de seus funcionários.

A presente pesquisa demonstrou algumas limitações em compreender a verdadeira motivação das pessoas ao escolherem marcar “herói”, “anti-herói” ou “vilão” para cada personagem no formulário. A adição de um espaço pedindo para que a pessoa explicasse a resposta tornaria a tarefa de responder o formulário muito cansativa e, possivelmente, geraria evasão.

Para aprofundar a temática da jornalista-personagem na ficção, futuros trabalhos poderiam investigar o que motivou a caracterização de algum personagem, entrevistando autores de livros que retratam jornalistas. Ademais, uma pesquisa

utilizando a metodologia de grupo focal com pessoas que consomem essas histórias poderia auxiliar a compreender a recepção do público a essas histórias.

### Referências bibliográficas

BERGER, Christa (Org.). **Jornalismo no Cinema**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 2007. Tradução de: Adahil Ubirajara Sobral.

ECO, Umberto. **Seis Passeios pelo Bosque da Ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1932.

ESTRELANDO. **De Meryl Streep a George Clooney, confira dez jornalistas do mundo da ficção**. 2019. Disponível em: <<https://www.estrelando.com.br/foto/2019/01/29/os-jornalistas-do-cinema-confira-136414/foto-1>>. Acesso em: 01 maio 2019.

FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é herói**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GUIA DO ESTUDANTE. **Relembre 15 jornalistas famosos da ficção**. 2012. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/relembre-15-jornalistas-famosos-da-ficcao/>>. Acesso em: 01 maio 2019.

GUIA DOS QUADRINHOS. **Super-Homem**. 2007. Disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/super-homem-\(clark-joseph-kent---kal-el\)/200](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/super-homem-(clark-joseph-kent---kal-el)/200)>. Acesso em: 02 maio 2019.

JUNG, C. G.. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

KANNO, Mauricio. **Quadrinhos do Super-Homem mostram trajetória do herói no jornalismo**. 2013. Disponível em: <<http://www.portalimprensa.com.br/noticias/traco/60557/quadrinhos+do+super+homem+mostram+trajetoria+do+heroi+no+jornalismo>>. Acesso em: 02 maio 2019.

LIMA, Felipe Quintino Monteiro. **Personagens-jornalistas na literatura da década de 1970: uma abordagem do romance A Festa**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

NOGUEIRA, Lisandro. **Cinema e Jornalismo: O Jornalista no Cinema Brasileiro**. 2003. 173 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3888>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

O DIABO Veste Prada. Direção de David Frankel. Produção de Wendy Finerman. Roteiro: Aline Brosh McKenna. 2006. Son., color. Legendado.

ROWLING, J.K. **Harry Potter: e o Cálice de Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

SANSEVERINO, Gabriela Gruszynski. **As representações do jornalismo na ficção de Harry Potter transmídia: a função social e o ethos profissional**. 2015. 212 f. Dissertação (Mestrado) Curso de Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.



SANTOS, Macelle Khouri. **Um Olhar sobre o Jornalismo:** Análise da Representação do Jornalismo no Cinema Hollywoodiano, de 1930 a 2000. 2009. 212 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93428/272126.pdf?>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

SENRA, Stella. **O último jornalista:** imagens de cinema. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

TARAPANOFF, Fabíola Paes de Almeida. **Jornalistas no cinema:** representações e apropriações. 2014. 317 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

TRAVANCAS, I. **O jornalista como o personagem de cinema.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande (MS). Anais... Campo Grande: Intercom, 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/126095204111040878962932586357600200383.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

TRAVANCAS, I. **O jornalista e suas representações literárias.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte (MG). Anais... Belo Horizonte: Intercom, 2003. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP02\\_travancas.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP02_travancas.pdf)>. Acesso em: 02 jun. 2015.

VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor:** estrutura mítica para escritores. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2015.